

“Bagunçados e Reféns desse Pecado”: Jornalista, Medo, Raça e Gênero Como Interseção¹

Gustavo Luiz Ribeiro²

Iluska Coutinho³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

A pandemia e a infodemia causadas pela Covid-19 geraram transformações para o exercício e o consumo do telejornalismo. Para acompanhar as mudanças, foi necessário (re)inventar também o modo de compreender o telejornal, considerando o lugar dos telejornalistas em meio a essas mudanças. Além disso, as subjetividades (MORAES, 2019) inerentes a esse lugar ocupado pelos profissionais se mostram de grande valor para o entendimento do jornalismo que produzem. O presente trabalho, por meio da Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016), analisar cada uma e quais as interseccionalidades inerentes a cada caso. Além disso, buscou-se propor novos olhares para a construção de políticas públicas capazes de assegurar um exercício profissional do jornalismo com segurança e integridade, tanto físicas como emocionais.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; dramaturgia do telejornalismo; jornalismo de subjetividade; medo; comunicação.

INTRODUÇÃO

Durante mais de cinco décadas, o telejornalismo brasileiro tem se feito presença nos lares nacionais. Porém, a pandemia e a infodemia causadas pela Covid-19 promoveram algumas transformações para o exercício do jornalismo nesse período. Para acompanhar as mudanças, foi necessário (re)inventar também o modo de compreender o telejornal. Martins, Mata, Falcão, Pereira e Coutinho (2020) apontam que, para elaborar um “roteiro interpretativo da análise da materialidade audiovisual”, metodologia desenvolvida dentro do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA-UFJF), é necessário compreender o lugar dos telejornalistas em meio a essas mudanças.

Antes, porém, cumpre estudar o papel do jornalista e do jornalismo nesta “Dramaturgia do Telejornalismo”, já anunciada por Coutinho (2012) e, em 2020, imersa naquilo que denominamos como sendo a “dramaturgia da pandemia”, com atores sociais, colocações em cena e

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante do Curso de Jornalismo da UFJF-MG, e-mail: gustavo777.gp@gmail.com.

³ Orientadora do NJA da UFJF-MG, e-mail: iluska.coutinho@ufff.br.

cenários bem delimitados. (MARTINS; MATA; FALCÃO; PEREIRA; COUTINHO, 2020, p.40)

A noção de Dramaturgia da Pandemia apontada no texto coloca o jornalista, enquanto personagem, em um papel bastante singular. Segundo eles, “cada edição telejornalística se constitui em possibilidade de reafirmar a relevância da ‘profissão de jornalista’, com disputas simbólicas constantes pela credibilidade que lhe garante existência” (MARTINS; MATA; FALCÃO; PEREIRA; COUTINHO, 2020, p. 36), disputa essa personalizada na figura do atual presidente da república. Soma-se a isso a dimensão humana das e dos jornalistas responsáveis por manter a população informada e, ao mesmo tempo, lidar com seus sentimentos nesse momento delicado da pandemia.

Outro destaque necessário é o fato de que a crise causada pela Covid-19 se desdobrou não apenas no contexto sanitário e político, mas também econômico:

Ao abordarmos uma crise econômica generalizada, promovida por fatores como o fechamento de fronteiras, desgastes diplomáticos, suspensão de atividades da indústria e comércio, anorexia do setor de turismo dos países, com um terço da população mundial dentro de casa entre março e abril de 2020, é também necessário sublinhar o caminho oposto experimentado pelas indústrias da informação e entretenimento, com aumentos generosos em bases de assinantes e nas audiências em serviços de streaming, plataformas de audiovisual e canais de TV aberta e por assinatura, dentre outros setores, conforme apuração divulgada pela Revista Exame (2020). (MARTINS; MATA; FALCÃO; PEREIRA; COUTINHO, 2020, p.37)

As autoras e autores ressaltam o aumento da audiência no consumo de produtos das indústrias de informação e entretenimento audiovisual. Vale questionar qual o local ocupado pela profissional de jornalismo em meio aos ditos aumentos generosos, afinal, seriam as e os jornalistas donas e donos do meio de produção desta indústria, ou uma força de trabalho?

A busca por resposta nos leva ao documentário “Cercados - A imprensa contra o negacionismo na pandemia”, produzido pela Rede Globo, que inclui a adição de uma sonora/depoimento em que o diretor de redação da Folha de S.Paulo, Sérgio Dávila, responde à colocação zombeteira do Presidente da República a respeito da redução salarial dos profissionais de jornalismo. Aos 23’20” de vídeo, Dávila avalia em tom de lamento:

É toda uma geração que não teve essa experiência. Eu tive. Na época da Abril, da Playboy, teve o confisco do Collor. Então, pessoas de 30 anos para menos nunca tiveram essa experiência que agora estão tendo

- estão vendo que a união pode fazer a força. Nunca queira estar nesse papel de pedir para os seus funcionários, colegas, repórteres, jornalistas, editores reduzirem o seu salário num momento de pandemia, reduzirem a sua jornada num momento de pandemia. É muito duro. As pessoas ficam chateadas, trabalham com menos entusiasmo, trabalham menos, porque devem trabalhar menos, mesmo. A alternativa é ter que fazer demissões. Também isso ficou claro pros jornalistas na hora de fazer a negociação. (Cercados - 2020)

Ao analisar o documentário como uma unidade de tempo, texto, som, imagem e edição, conforme pressupõe a análise da materialidade audiovisual, proposta por Coutinho (2016), é possível observar como a inserção da fala de Dávila após a declaração de Bolsonaro implica em uma espécie de “moral da história”, como prevê a Dramaturgia do Telejornalismo (COUTINHO, 2012).

Desta forma, ainda que Dávila e Bolsonaro tenham se referido a veículos de imprensa tradicionalmente ligados ao jornalismo impresso, vale ressaltar que os profissionais dos telejornais regionais sofreram situação semelhante, como afirma Rosa (2021):

Outro fator de impacto foram as demissões em massa que ocorreram em grande parte das emissoras de televisão do Brasil, reduzindo o tamanho das equipes. Embora tenham acontecido demissões na EPTV Campinas, não foram encontrados os dados específicos sobre o número de profissionais demitidos. Com o aumento dos casos de Covid-19 na região, a opção por não enviar o repórter, evitar entrevistas presenciais e priorizar o distanciamento tornou comuns e cada vez mais recorrentes as entrevistas online, por Skype ou outros programas. (ROSA, 2021, p.54)

Diante desse cenário/contexto, o presente trabalho visa analisar dois casos particulares do período de pandemia ocorridos em emissoras afiliadas à Rede Globo, tal como a EPTV acima mencionada. Na intenção de olhar para vieses complementares aos trabalhos já publicados, busca-se observar características do lado humano dos e das repórteres em momentos de vulnerabilidade emocional, durante o exercício de seu trabalho.

O primeiro caso se refere à agressão sofrida pela repórter Bárbara Barbosa, da NSC TV, afiliada da Rede Globo em Santa Catarina. No dia 2 de novembro de 2020, durante a programação do JA (Jornal do Almoço), ela e o repórter cinematográfico Renato Soder foram atacados durante a preparação para a entrada de um link ao vivo. Elas cumpriam o papel de fiscalizar e informar a população sobre o decreto estadual que proibia a permanência de pessoas na areia da praia.

O segundo caso é o resgate realizado pelo repórter da Rede Globo no Rio de Janeiro Rogério Coutinho. No dia 22 de julho de 2020, durante a programação do RJ1, telejornal regional exibido no horário do almoço, ele se preparava para entrar ao vivo quando foi surpreendido por um acidente envolvendo um profissional da Secretaria de Conservação da Prefeitura do RJ. O repórter foi ao socorro da vítima.

O principal objetivo do estudo é compreender as subjetividades que envolvem o sentimento de medo em ambos os telejornalistas - a primeira, uma mulher branca, e o segundo, um homem preto. Os marcadores de gênero e raça foram identificados por meio da heteroidentificação, pelos autores deste trabalho. Optou-se por considerar as interseccionalidades presentes nesses casos, uma vez que Moraes (2019) aponta que a construção jornalística é influenciada por quem narra a história, ou seja, a/o própria/o jornalista.

A autora busca reconhecer a presença da repórter e seus marcadores sociais como uma estratégia assumida em suas análises para ressaltar as subjetividades. Destaca-se que, para Moraes (2019), objetividade e subjetividade não se contrapõem, mas se complementam. Ambas estão presentes em todo o processo de construção da notícia ou reportagem, desde a produção da pauta, até a edição e veiculação do material jornalístico.

Quem está filtrando aquela vida para leitoras e leitores não está apagado, ao contrário: está lá. Não se trata de dar ênfase a um testemunho, e mais acusar um processo de construção (ou seja, uma verdade entre muitas). A capacidade criativa da repórter precisa ser sublinhada, e cada encontro, único, produz o que Medina (1986) chama de interação social criadora, afinal o diálogo se dá, sobretudo no nível da sensibilidade. Como genialmente sintetizou o cientista austríaco Heinz Von Foerster (apud CHRISTOFOLETTI, 2004, p. 55), “a objetividade é a ilusão de que as observações podem ser feitas sem um observador”. (MORAES, 2019, p.216)

Desta forma, por meio da Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), os dois episódios foram analisados considerando-se elementos da Dramaturgia do Telejornalismo (COUTINHO, 2012) ou, de forma mais específica, da Dramaturgia da Pandemia (MARTINS; MATA; FALCÃO; PEREIRA; COUTINHO, 2020), e do Jornalismo de Subjetividade (MORAES, 2019).

Para perceber os elementos que integram a Dramaturgia do Telejornalismo há necessidade de uma metodologia capaz de analisar as produções audiovisuais por meio do texto e do paratexto que as compõem. Para isso, foi utilizada a Análise da

Materialidade Audiovisual, proposta por Coutinho (2016). Nessa metodologia, são considerados os elementos de texto, som, imagem, tempo e edição como parte de uma mesma unidade, sem a necessidade de decompor cada elemento para sua investigação (COUTINHO, 2016, p. 10).

Assim, a análise é construída a partir da pesquisa bibliográfica, de onde surge a fundamentação teórica que servirá de base para a criação de uma ficha de avaliação. Esta, por sua vez, servirá como ponto de partida para a entrevista do objeto, por meio das perguntas criadas a partir do referencial teórico - neste trabalho, partindo das subjetividades presentes nas jornalistas.

Após a etapa da pesquisa bibliográfica, foram criadas fichas de análise a partir da articulação de perguntas e/ou eixos de análise que, posteriormente, foram atribuídos à leitura e experiência de contato com o material audiovisual tomado como recorte. Nesta pesquisa, os eixos que serão descritos a seguir conduziram a análise das reportagens exibidas na edição do dia 22/07/2020 do RJ1, no Rio de Janeiro, e da edição do dia 02/11/2020 do JA, em Santa Catarina, disponíveis na plataforma Globoplay.

Breve contexto do Medo

De acordo com o dicionário online de português, a palavra medo apresenta quatro significados⁴

1. Estado emocional provocado pela consciência que se tem diante do perigo; aquilo que provoca essa consciência.
2. Sentimento de ansiedade sem razão fundamentada; receio: medo de tomar manga com leite.
3. Grande inquietação em relação a alguma coisa desagradável, a possibilidade de um insucesso etc.; temor: tinha medo de perder o emprego.
4. [Por Extensão] Comportamento repleto de covardia: correu por medo de apanhar.

O primeiro significado será central para este trabalho. Isto não é o mesmo que invalidar os outros três sentidos apresentados pelo dicionário. Escolhe-se priorizar o primeiro significado para analisar a noção de “perigo” que atravessa a história de ambos os repórteres dos casos analisados por considerá-lo mais adequado ao contexto.

Uma vez que se admite a noção de perigo como algo material ou imaterial, interno ou externo em relação a alguém, admite-se também que o estado emocional do

⁴ Disponível em: [Medo - Dicio, Dicionário Online de Português](#) acesso: 12/08/2021

sujeito em questão tem mais valia do que a opinião de terceiros sobre o grau de periculosidade de uma situação determinada. Em outras palavras, é o sentimento expresso do sujeito dentro de sua experiência empírica e historicidade que será levado em conta como algo legítimo neste trabalho, e não o mérito do perigo.

Desta forma, peço licença para deixar a narrativa padrão de textos acadêmicos assumidas até aqui e usar a primeira pessoa. Não se trata de um recurso estilístico; mas, a exemplo de Fabiana Moraes e Grada Kilomba - duas mulheres pretas -, acredito que a minha experiência enquanto homem preto guia meus olhares sobre os casos de medo a seguir, ao mesmo tempo em que ficam registrados neste texto para eventuais trabalhos posteriores.

Ser um homem preto estudante de telejornalismo é, em certa medida, conviver com o medo do insucesso profissional. Embora profissionais com esses marcadores sociais estejam, na contemporaneidade, mais presentes na televisão do que décadas atrás, ainda é reduzido o número de apresentadores e repórteres pretos nas telas brasileiras. O meu medo se manifesta nesta situação perigosa. A incerteza de saber se haverá espaços nos telejornais para pretos, como eu, narrarem o cotidiano do país.

Quando considero essa questão e penso nas mulheres brancas, me coloco em um espaço complexo de análise. Neste trabalho, porém, recortei essa percepção para três relações perigosas, que envolvem o medo de homens pretos e mulheres brancas que compartilham enredos audiovisuais em três produtos distintos. 1) O clipe musical “Regime Fechado”, da dupla sertaneja Simone & Simaria, de 2017; 2) o filme “Marshall - Igualdade e Justiça”, dirigido por Reginald Hudlin, em 2017; e 3) o Filme “O Homem que copiava”, protagonizado por Lázaro Ramos, de 2003.

À primeira relação perigosa entre mulheres brancas e homens pretos no audiovisual, estou chamando de “relação pecaminosa”. O clipe musical de “Regime Fechado”, com mais de 200 milhões de visualizações no Youtube, simula o ambiente de filmes de faroestes estadunidenses. A história narra o amor proibido - sem razão aparente - entre a Donzela interpretada por Giovanna Ewbank, uma mulher branca, e o Mocinho interpretado por Nego do Borel, um homem negro. A trama começa com o Mocinho detido em uma delegacia, enquanto a Donzela reclama sua liberdade ao Xerife.

A letra da música cita alguns pecados cristãos que (re)produzem o sentido daquela união interracial nos trechos “roubar um coração é caso sério” e “já que nos

dois estamos sendo acusados de adultério”. No clímax da história, quando as mulheres não-negras se reúnem para libertar o Mocinho a força, repete-se o refrão que diz: “não quero advogado// quero regime fechado com você, amor// Nós somos bagunçados e refêns desse pecado.”

O tom confessional da frase explicita a ideia de que o casal estaria errando e, portanto, se colocando em um lugar perigoso, que culminou em uma troca de tiros no final do clipe. Mesmo que humorística, a situação reforça a naturalização da visão social de que é pecaminosa a relação entre mulheres brancas e homens negros, e ainda acrescenta a perpetuação dessa relação na frase: “É bandido esse meu coração//Eterno prisioneiro da paixão”. Esta é, em síntese, uma relação harmoniosa entre os indivíduos e desarmoniosa no contexto externo a eles.

À segunda relação perigosa entre esses marcadores sociais no audiovisual, estou chamando de “medo e disputa narrativa”. Diferente da primeira, esta manifesta o perigo e, portanto, o medo, de formas distintas a cada um dos indivíduos. Tomando como exemplo o filme estadunidense “Marshall - igualdade e justiça”, podemos observar esse fenômeno.

O longa é baseado em história real. Ambientado no período entre guerras, a história narra o caso do advogado Thurgood Marshall, interpretado por Chadwick Boseman, um homem preto. Ele escolhe defender Joseph Spell, interpretado por Sterling K. Brown, outro homem preto, acusado de violência sexual por Eleanor Strubing, interpretada por Kate Hudson, uma mulher branca.

No decorrer da trama é descoberto que tanto Spell, quanto Strubing inventaram histórias para que o caso consentido e passageiro que ambos tiveram não resultasse em prejuízos físicos e morais para eles, em meio a uma sociedade atravessada pela segregação racial. Spell, o negro, temia por integridade física - ameaçada por extremistas raciais brancos - e pela falta de oportunidades financeiras.

Já Strubing temia por sua integridade física - ameaçada pelo marido branco com histórico de violência - e pela difamação resultante de uma relação consensual com um negro. O resultado do processo é inconclusivo para ambos os personagens, uma vez que o seu futuro não é o foco da trama, que acompanhava a trajetória do advogado Marshall.

À terceira relação perigosa entre mulheres brancas e homens negros, estou chamando de “medo e objetivos comuns”. Ela é caracterizada pela harmonia interna

entre os sujeitos que precisam lidar com uma desarmonia externa que pode, ou não, estar relacionada com essa união. Como é o caso do filme brasileiro “O Homem que Copiava”, lançado em 2003.

O longa é ambientado na região Sul do país e conta a história de André, interpretado por Lázaro Ramos, um homem negro. André é um operador de máquina fotocopadora que desenvolve um romance com a personagem Sílvia, interpretada por Leandra Leal, uma mulher branca. Para terem uma relação harmoniosa, o homem decide assaltar um banco. A escolha de André é motivada pela sua condição financeira desfavorável e por sua intenção de ajudar Sílvia, ao testemunhar os abusos que o padrasto da moça cometia contra ela.

Movidos pela paixão e pela necessidade de dar fim à opressão vivida por Sílvia, a dupla enfrenta desventuras, colocando suas vidas em risco em prol do alcance de seus objetivos. As escolhas tomadas pelo casal de protagonistas, de produzir dinheiro falso, assaltar um banco e matar o padrasto de Sílvia, reforçam a dificuldade estrutural daquela união.

As três situações explicitadas acima fazem parte do paratexto produzido para a análise dos casos da repórter Bárbara Barbosa e do repórter Rogério Coutinho, que começam a seguir.

O caso de Bárbara Barbosa na NSC TV:

No dia dois de novembro de 2020, a repórter Bárbara Barbosa e o cinegrafista Renato Soder da NSC TV se preparavam para fazer um link ao vivo no JA (Jornal do Almoço). Segundo as profissionais, a matéria buscava monitorar o cumprimento do Decreto Estadual de Santa Catarina que proibia a permanência de banhistas na areia da praia, devido à pandemia de Covid-19.

Foi quando um homem branco sem camisa, vestindo um short esportivo com o número 17 estampado, se aproximou da equipe e questionou a gravação. A repórter afirmou que estava filmando o local e não as pessoas diretamente. Não satisfeito, o homem vestindo 17 pergunta, sarcasticamente, se o cinegrafista gostaria de ter a câmera quebrada. O repórter responde que está trabalhando. Enquanto isso, Bárbara repete: “Tu não vai quebrar nada!”

Outra mulher branca se aproximou do local e se juntou ao agressor branco que vestia 17. O homem esbraveja dizendo que há uma lei que impede a gravação da equipe.

Bárbara afirma que está em local público (por isso é legítimo o seu trabalho, que não focava em ninguém em específico) e pede para o homem não encostar nela. Nesse ponto, ambos os agressores se projetavam sobre o celular da profissional.

Em seguida, outro homem branco, vestindo uma camisa laranja, se aproximou bruscamente da jornalista. Ele emitiu palavras de ordem para a repórter abaixar o celular e parar de filmar a agressão. Ele inicia um coro repetido também pelo o primeiro homem, questionando se a jornalista era policial. A movimentação aumentou em torno de Bárbara, que é covardemente agarrada pelos pulsos pelo homem vestindo 17 e pela outra mulher em cena. O homem agarrou pelo pulso a mão de Bárbara que segurava o celular, com ambas as mãos, permitindo que a banhista roubasse o aparelho da jornalista. Esta, por sua vez, pede desesperadamente o seu celular de volta.

As principais imagens do caso foram feitas pelo celular de Bárbara e a câmera manuseada por Renato. O vídeo da agressão foi divulgado pela emissora NSC TV, já com edição. Nele, é possível observar o ato criminoso através das duas lentes.

Diversas entidades, sindicatos e associações de jornalismo repudiaram o ato e cobraram a identificação dos três agressores, com punição nos moldes legais. Os atos mais intensos de violência são cometidos contra Bárbara Barbosa, uma mulher branca adulta. Seus pulsos ficaram marcados com a agressão e a profissional teve seu aparelho roubado por cerca de 10 minutos.

A emissora afiliada denunciou o ato e noticiou o caso em seus telejornais. Uma das narrativas no telejornal regional noturno informa à população que não é a imprensa quem faz o decreto, mas que é papel da mesma fiscalizar seu cumprimento. O caso, que envolveu Bárbara de forma mais acentuada, foi levado para uma delegacia especializada em crimes contra as mulheres.

Dois dias depois, a repórter entrou ao vivo, por chamada de vídeo, característica destacada pela dramaturgia da pandemia, no programa Encontro com Fátima Bernardes, da Rede Globo. Bárbara primeiro descreveu a ação, e depois reportou sobre seu sentimento a respeito do episódio. Uma matéria veiculada pela NSC Total sobre o caso destaca as aspas da jornalista na manchete: “‘Fiquei apavorada, chorei’, relata repórter agredida em praia de Florianópolis”. O chapéu⁵ que cobre o título é a palavra “agressão”, escrita em vermelho.

⁵ Chapéu é um termo utilizado no planejamento gráfico de jornais impressos ou digitais.

O Caso Rogério Coutinho no RJTV:

No dia 22 de julho de 2020, o repórter Rogério Coutinho fazia a cobertura da manutenção no histórico Cais do Valongo para o telejornal regional RJ1. Ele foi surpreendido por um acidente envolvendo um dos funcionários da Secretaria de Conservação da Prefeitura do Rio de Janeiro.

O acidente foi causado por uma descarga elétrica, produzida pelo mau funcionamento de um dos aparelhos utilizados na conservação. O funcionário foi atingido pela descarga de energia, que o deixou desacordado na água. Coutinho narra que foi em direção ao funcionário assim que outro trabalhador retirou da água o aparelho em curto-circuito. O repórter e o profissional conseguiram resgatar, juntos, o funcionário, que havia ficado cerca de 40 segundos submerso.

O resgate bem sucedido contou ainda com o auxílio de uma médica branca que passava pelo local. Após prestar socorro, Rogério Coutinho teve entrada ao vivo com “novas informações”, como anunciou a apresentadora Mariana Gross, uma mulher branca.

Visivelmente impactado pelo acontecido, por vislumbrar a morte de perto, o repórter estava ofegante e gaguejava. Durante a explicação do acidente, chegou a pedir desculpas ao público por estar com a “adrenalina alta”. A fala de Rogério o coloca como anti-herói dentro da dramaturgia, ou seja, um herói que apresenta imperfeições, aquele que não é o clássico.

A manchete do portal de notícias UOL sobre o caso da personagem foi: “Repórter que salvou homem de afogamento fala do resgate: ‘fiquei com medo’”. A construção reforça a ideia do anti-herói ao abordar o sentimento de medo, que não se aplica ao heroísmo clássico da dramaturgia.

“Somos bagunçados e reféns desse pecado”, (em) conclusão:

A notícia sobre a agressão sofrida por Bárbara, publicada no portal online da emissora local, destaca as seguintes aspas da repórter: “Eu fiquei em choque, comecei a gritar para devolverem meu celular. Fiquei apavorada, não acreditei que estavam pegando minha ferramenta de trabalho”.

Observa-se, novamente, que se trata de uma profissional de jornalismo televisivo, mulher, branca, em idade adulta. A repercussão do caso é realizada por meio das redes sociais da empresa, como o Twitter, com publicação do vídeo, além da

produção de uma matéria exclusiva com a repórter, e a produção de uma entrevista de cerca de 10 minutos, sobre o acontecido.

Ao relatar, Bárbara se coloca a partir do pronome pessoal em primeira pessoa “eu”. As aspas começam com “eu fiquei em choque”. Essa observação será concluída em um segundo momento. Em seguida, a repórter narra um medo em estado de choque, que leva à paralisação. O sentimento é de estar encurralada, sem possibilidade de ação ou defesa. Por isso, Bárbara reage com um grito. Com relação às causas externas e internas de seu medo, a jornalista se encontra apavorada com a possibilidade de uma agressão iminente, e o possível risco à sua vida, e à vida de seu colega de trabalho.

Outro medo que ela enfrenta é o de retirarem sua ferramenta de trabalho, a câmera que se encontra com o cinegrafista, e o celular que está em sua mão. Isso acarretaria em prejuízos financeiros, possíveis problemas com a empresa de televisão, e, ainda, na destruição das provas da agressão, em vídeo, produzidas por eles como forma de defesa.

A matéria termina com citação de Bárbara narrando que foi segurada por algumas pessoas e que ninguém prestou ajuda, só tendo recebido suporte após sair da praia, quando lhe ofereceram água.

No caso de Rogério, a matéria utilizada para análise é a publicada pelo portal da UOL, que também destaca aspas do jornalista: “Fiquei com medo, mas de alguma forma eu sabia que precisava entrar lá. Quando percebi que estava seguro, assim que a bomba d'água foi retirada da água pelo colega de trabalho dele, eu entrei. E o amigo veio em seguida. E o medo foi controlado”.

Relembramos que se trata de um jornalista profissional, homem, negro, em idade adulta. Ao relatar a situação que viveu, Rogério utiliza um sujeito oculto, ou seja, não há a presença explícita do pronome pessoal “eu” enquanto sujeito da frase. Em comparação com o primeiro caso, a ausência de si na colocação aponta para um apagamento do homem preto, observado por diversos autores, em diferentes aspectos.

O repórter também narra um estado de medo, mas que o levou à ação. O sentimento paralisante é sobreposto pela oração subordinada adversativa, “mas de alguma forma eu sabia que precisava estar lá”. Esse sentimento de dever levou o jornalista a uma ação física, pela qual ele reagiu pulando na água.

O profissional enfrentou, assim como Bárbara, o medo da morte: de ver um homem perder a vida, enquanto trabalhava, e de perder a própria vida, ao pular na água

eletrizada, para ajudá-lo. No entanto, o sentimento foi controlado mediante ao ato de pular para ajudar o homem, seguido da ajuda de outro profissional, quando Rogério disse: “... eu entrei. E o amigo veio em seguida. E o medo foi controlado”.

Ao aproximar o conceito de Dramaturgia do Telejornalismo (COUTINHO, 2012), (re)visitada por Martins, Mata, Falcão, Pereira e Coutinho (2020), como a Dramaturgia da Pandemia, e o conceito de Jornalismo de subjetividade (MORAES, 2019), foi construído um direcionamento para a análise dos dois casos em que a, e o profissional de jornalismo alegaram ter sentido medo.

A Dramaturgia consegue contextualizar as jornalistas, que vivem uma pandemia, dentro de um cenário que contempla o contexto e o paratexto desta crise política, sanitária e econômica que atravessa o país e suas (re)produções de sentidos. A Subjetividade, por sua vez, insere a variável dos marcadores sociais e sua historicidade dentro dos casos analisados.

Deste modo, o trabalho procurou abordar a dimensão afetiva do medo de profissionais de jornalismo, debatendo o caso de agressão sofrida Bárbara Barbosa e o caso de resgate executado por Rogério Coutinho.

A aproximação dos casos é dada pelos seguintes fatores: 1) ambos aconteceram em telejornais regionais, de emissoras ligadas a Rede Globo, exibidos entre 12h e 13h. 2) Ambos os casos foram pautas de suítes que destacaram o sentimento de medo, pavor e afins logo no título da matéria. 3) Ambos os casos geram uma situação de perigo que justifica o sentimento dos jornalistas, que já estão vulneráveis devido às mudanças do contexto de pandemia.

Foi observado que, no audiovisual, a relação e/ou aproximação de mulheres brancas e homens pretos tende a ser perigosa em ao menos três níveis, que não são hierarquizados entre si, e nem têm a pretensão de serem taxativos. Mas foram elaborados com a finalidade de auxiliar na compreensão de um sentimento semelhante causado por situações diferentes.

No caso de Bárbara Barbosa, mulher e branca, o ato de ir fiscalizar o cumprimento do decreto estadual em Florianópolis resultou em prejuízo físico e moral para a jornalista. Destaca-se a ausência do Estado na fiscalização do próprio decreto na região coberta pela equipe da NSC TV. Como destacado na edição, pela apresentadora Laine Valgas, as agressões a profissionais de jornalismo vêm apresentando um aumento nos últimos anos.

No vídeo da agressão e nas suítes sobre o caso é possível perceber que mesmo a equipe de reportagem sendo composta por um homem branco e uma mulher branca, é a mulher quem sofreu as maiores violências pelas outras pessoas brancas (dois homens e uma mulher) que estavam no local. Desta forma, observa-se que uma maior segurança para o exercício do telejornalismo passa, invariavelmente, por uma proposta de política pública que atenda às especificidades de gênero.

A rápida e precisa manifestação de associações, sindicatos e grupos de jornalismo, além da própria empresa, precisa ser tomada como um bom exemplo, mesmo em meio a esse infeliz caso. O registro das câmeras foi fundamental para identificar os agressores. Medidas como essas devem ser estimuladas entre os jornalistas com a finalidade de garantir sua proteção e reivindicação legal.

O Caso do repórter Rogério Coutinho dimensiona outro aspecto do medo. O jornalista preto arriscou a sua vida para salvar um funcionário que estava a serviço do Poder Público. Esse caráter (re)afirma que a fiscalização do jornalismo é comprometida com o bem-estar social. O sujeito salvo pelo repórter também era um homem preto; deste modo, além da reflexão sobre as condições de segurança do trabalho na manutenção de um monumento histórico para a negritude brasileira - o Cais do Valongo -, fica o debate sobre qual a condição dos trabalhadores pretos pós-abolição da escravidão.

O medo sentido por Rogério Coutinho conversa com o medo registrado em primeira pessoa neste trabalho. É histórica e estrutural a sensação de perigo, que gera medo na população negra brasileira. Em ambos os casos, diz respeito à sensação de ter a carreira profissional constantemente ameaçada. Fica perceptível na fala do repórter, que após o resgate, ainda pede desculpas por estar “com a adrenalina alta”.

A ação do profissional também vai sendo ocultada aos poucos. O uso do sujeito oculto na manchete do portal UOL é um passo que culmina no apagamento do repórter enquanto sujeito de ação. O título da matéria acessada via Globoplay: “Funcionário da prefeitura recebe descarga elétrica ao realizar serviço no Cais do Valongo”, também reforça tal apagamento. Destaca-se, ainda, que não houve preocupação manifesta com o estado físico de Rogério Coutinho na nota-pé da matéria.

Com isto, mesmo em meio à pandemia, é possível verificar como condições históricas diferenciam o tratamento de gênero, raça e suas intersecções, e como afetam os sentimentos de telejornalistas e conduzem a narrativa sobre seus corpos e ações.

Essa aproximação, estabelecida no recorte deste trabalho, é uma forma de pensar o jornalismo e a segurança física e emocional das e dos seus profissionais. Considerando sempre seus marcadores sociais, não como parâmetros de segregação, mas como características que exigem cuidados específicos.

A pesquisa segue investigando o papel do gênero e da raça no telejornalismo como parâmetros que afetam os jornalistas. Assim, é pretendida a continuidade destes estudos aproximando cada vez mais as várias interseções brasileiras.

REFERÊNCIAS:

CERCADOS - A imprensa contra o negacionismo na pandemia. Direção: Caio Cavechini. Produção: Caio Cavechini; Eliane Scardovelli; João Rocha. Roteiro: Caio Cavechini; Eliane Scardovelli. Brasil: Globoplay, 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/cercados/t/FKjMrH2mtB/>. Acesso em: 7 ago. 2021.

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39, 2016, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2016.

COUTINHO, Iluska (org.). Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora - MG. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2012.

"FIQUEI apavorada, chorei", relata repórter agredida em praia de Florianópolis. **NSC Total**, Florianópolis, SC, p. 1, 2 nov. 2020. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/fiquei-apavorada-chorei-relata-reporter-agredida-em-praia-de-florianopolis>. Acesso em: 8 ago. 2021.

MARTINS, Simone; MATA, Jhonatan; FALCÃO, Luiz Felipe; PEREIRA, Gustavo; COUTINHO, Iluska. Sobre isolamentos e demarcações sociais: O lugar do jornalista de TV em tempos de Pandemia. In: EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (org.). *Jornalismo Audiovisual: A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia*. 1. ed. Florianópolis, SC: Insular, 2020. v. 10, cap. 2, p. 36-58. ISBN 978-65-88401-28-6. E-book

MARSHALL. Direção: Reginald Hudlin. Produção: Paula Wagner; Reginald Hudlin; Jonathan Sanger. Roteiro: Michael Koskoff; Jacob Koskoff. EUA: Star Light Media; Chestnut Ridge productions; Hudlin Entertainmnet, 2017.

MORAES, F. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. *Revista Extraprensa*, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019. DOI: 10.11606/extraprensa2019.153247.

O **HOMEM** que Copiava. Direção: Jorge Furtado. Roteiro: Jorge Furtado. Fotografia de Alex Sernambi. Brasil: Casa de Cinema de Porto Alegre; Globo Filmes, 2003. DVD.

REGIME Fechado. Direção: Miguel Cariello. Produção: Jhonatan Alan e Wanessa Veruska. Intérprete: Simone & Simaria. Gravação de Universal Music International. Brasil: Epidemia Filmes, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wn_7FY82uP0. Acesso em: 10 ago. 2021.

REPÓRTER que salvou homem de afogamento fala do resgate: ‘Fiquei com medo’. **UOL**, Brasil, p. 1, 23 jul. 2020. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/07/23/reporter-que-salvou-homem-de-afogamento-fala-do-resgate-fiquei-com-medo.htm>. Acesso em: 8 ago. 2021.

ROSA, P. V. F. **Novas rotinas e estratégias narrativas no telejornalismo regional durante a pandemia**: análise da cobertura da EPTV Campinas, 2021. In: <https://repositorio.ufjf.br/>; acesso em 11 ago 2021.